

EDUCAÇÃO NO CAMPO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL CAMINHANDO JUNTAS AO FUTURO

Julio Cesar Marinho Cesco¹
Silvana Cassia Hoeller²

RESUMO

Quando se fala em Educação do campo na cabeça de muitos vem a lembrança de Educação rural, mas é necessário deixar muito claro que não são sinônimos nem tampouco evolução uma da outra. A rural tinha por base uma concepção a partir do mundo urbano e definida pela necessidade do mercado de trabalho, no entanto a visão que se tinha era de inferiorização para com os povos do campo; ao passo que um novo olhar, uma nova perspectiva trouxe a concepção de educação do campo onde os povos do campo terão o direito de uma formação digna, pensada e construída especificamente para eles e por eles, respeitando sua cultura, movimentos e o ambiente. A Educação do Campo abrange vários setores ligados a terra, e em um panorama de preocupação constante com a preservação ambiental e principalmente a necessidade de uma conscientização ambiental por parte de todos nós, se forem somados os esforços a educação ambiental e a do campo poderão “se ajudar, se complementar”, tendo em vista que os povos do campo dele precisam para tirar seu sustento, gerar renda e trabalhar. Temos visto que a mudança e principalmente a inclusão de políticas próprias fizeram com que a Educação do Campo fosse sendo reconhecida como um “organismo” com suas dificuldades, desafios e superações, portanto porque não reconhecer também a importância que ela tem em conjunto com a Educação Ambiental? Será que elas podem trabalhar em

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Goioere, e-mail: cesarcesco@ibest.com.

² Educadora e Orientadora, UFPR Litoral.

conjunto em prol de um futuro mais harmonioso para a humanidade? Sim. Podem. Veremos como elas se completam e se fundem.

Palavras – chave: Educação do Campo; Educação Rural; Conscientização Ambiental; Educação Ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho veremos como duas áreas que parecem independentes, se interligam em busca de melhoras na qualidade educacional e de vida dos moradores do campo.

Tanto a educação do campo quanto a ambiental tem algumas características muito similares como, por exemplo, antes eram vistas como parte pequena de um todo gigantesco, onde não havia uma atenção específica a estas áreas, hoje, no entanto, são vistas e principalmente respeitadas em sua individualidade e trabalhadas na coletividade.

(...) a afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que a história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muita poucas vezes para os sujeitos do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-los a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos (Caldart, 2002, p.28).

Essa declaração de Caldart mostra muito bem como a educação do campo hoje tem políticas voltadas para a especificidade do campo bem como de seus moradores, levando-se em conta as necessidades dessa população que por inúmeras vezes não era vista nem ouvida.

E neste panorama social em que vivemos, com uma visão muito mais realista e abrangente sobre a educação do campo, abre-se aqui uma discussão : O que a educação ambiental tem a ver com a educação do campo?

Na verdade estão tão intimamente ligadas que, por vezes parecem assuntos opostos, sejam pelas questões ruralistas ou por falta de conhecimento da real importância desta.

Vamos analisar o seguinte cenário:

- Moradores do campo;
- Plantações;
- Pastagens;
- Rios;
- Meio ambiente;
- Solo cada vez mais pobre;
- Assorimento dos rios;
- Animais sedentos;
- Custos cada vez maiores;
- Falta de dinheiro;
- Êxodo rural.

Os moradores do campo têm plantações, animais que necessitam da terra e da água dos rios para ter uma produtividade. Se por algum motivo o ambiente e os

agentes externos não estão integrados ocorrem graves problemas e resultado culmina, por vezes, no êxodo rural.

Refaço então minha pergunta em que momento a educação ambiental se interliga com a do campo?

Desde o início, quando se fala em políticas próprias se fala em respeitar o morador do campo e suas necessidades, está implícito o respeitar do “tempo do campo”, ou seja, do meio ambiente. Chuva, frio, calor, colheita, plantio, geada, elementos todos ligados ao campo e meio ambiente.

Veremos mais adiante a Educação ambiental e a necessidade de uma conscientização ambiental somada a do campo e aplicadas de modo a permitir que os moradores do campo possam nele viver e trabalhar em harmonia ainda maior com o meio que lhe sustenta.

2 O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NO CAMPO

A Educação Ambiental tem um caráter humanizador, formador e deve assim favorecer o entendimento e desvelar as determinações impostas pela realidade humana, de forma a reconstruir em si os valores de civilidade e humanidade construídos historicamente.

“O que torna social essa estrada de mão dupla chamada ensino-aprendizagem é o fato de que todo conhecimento humano verdadeiramente significativo é o resultado frágil, mutável e crescentemente enriquecido e aperfeiçoável de um contínuo processo de inter-trocas de

saberes. De saberes e de sentidos, de valores e de sensibilidades não apenas entre pessoas, tomadas em sua individualidade identitária, mas, também, entre grupos humanos, entre povos e culturas. Ali, onde o próprio conhecimento, em sua objetividade transitória, é modificado pelo ensino e aprendido a cada vez que isso ocorre. Em que cada outro, individual, coletivo, interativo, social, cultural é reconhecido como fonte original de saberes com a qual uma pessoa ou uma coletividade, pequena ou grande, aprendem e ensinam". (BRANDÃO 2005 p. 99)

Na Educação Ambiental, há uma distância grande entre informar e formar. O objetivo não é só transmitir inúmeras informações sobre o que se deve fazer e o que se pode melhorar no meio ambiente: é preciso formar cidadãos conhecedores dessas questões, indivíduos que não só ouçam, mas que também procurem conhecer sobre a realidade ambiental. Indivíduos que se comprometam com as mudanças necessárias à qualidade ambiental de forma autônoma e responsável.

Só assim a Educação Ambiental pode construir na base do pensar e do agir o princípio da responsabilidade com o próximo, do bom senso, da cidadania e do respeito para a resolução dos principais problemas que são tanto individuais como coletivos, na busca por relações mais harmônicas entre todos, e com o ambiente. Dessa forma, o respeito à diversidade também surge como manifestação verdadeira, porque não há nada mais belo do que a versalidade dos seres vivos, das culturas, das manifestações naturais. (SATO, 2003).

A Educação Ambiental procura, portanto, trazer ao indivíduo a importância de problematizar sobre suas necessidades verdadeiras, buscando no mundo muito mais do que a aquisição material, mas sim novas relações com os outros, novas formas de tratar a diversidade, numa crítica radical da modernidade por meio da

prática da cidadania e de uma ética ecológica em que o outro e o ambiente se completem e se respeitem.

“Pouco a pouco aprendemos a relativizar a história de longos ciclos, centradas em grandes feitos, grandes momentos e grandes heróis, para nos voltarmos às múltiplas histórias culturais de antecedentes, contemporâneos e consórcios como nós mesmos. Nós ao lado de tantas pessoas “sem nome em placas de rua”, mas de um passado remoto, os verdadeiros heróis da “nossa história”, porque a geração de mulheres e homens são o construtor cotidiano do que esteve e está aí como uma cultura. A nossa cultura. Habitantes de carne e osso da criação de cotidianos que são de uma comunidade de Belém Velho, a Porto Alegre, ao Rio Grande Sul, ao Brasil, a outros amplos círculos de nosso mundo, antes e agora, criadores de sociedades, de culturas e de histórias, tanto o mais do que heróis montados a cavalo. E então, poderemos descobrir, junto com as inúmeras pessoas das muitas comunidades populares, que aqueles heróis esporadicamente aparecem em momentos de uma história cujo dia-a-dia somos nós, as pessoas comuns, que constrói e quem, portanto, pode dar sentido e transformá-la”. (BRANDÃO, 2002, p.188)

Afinal, é para isso que nos serve o conhecimento, para ajudar na melhoria de nossas vidas, na elaboração de nossas vontades, de nossos desejos. O conhecimento apreendido a partir da experiência com o outro, buscando nessa relação uma nova ética de compromisso, de cidadania, de expectativas comuns, possui um alto potencial de ordenar a busca pela felicidade comum.

A Educação Ambiental deve dar capacidade ao indivíduo para ele agir individual e coletivamente, amparado pelo olhar da sustentabilidade. É óbvio que, cada grupo possui uma dinâmica e uma busca por uma série de respostas que é interna ao grupo, e o educador ambiental deve respeitar essas expectativas.

O trabalho deve começar por satisfazer as necessidades dos grupos, de forma a fazer com que os indivíduos se sintam interessados pelo processo educativo e compartilhem com os outros esse momento, na internalização de novos conhecimentos construídos coletivamente.

Temos que trabalhar no processo de troca de idéias, de valores, de conhecimentos, na busca por um saber contextualizado, abrangente, construído sob o ponto de vista de toda a comunidade.

“A prática educativa é parte integrante da dinâmica das relações sociais e das formas de organização social. Então, a prática educativa, a vida cotidiana, as relações professor-aluno, os objetivos da educação e o trabalho docente, estão carregados de significados sociais que se constituem na dinâmica das relações sociais”.
(BARBOSA, 2005 p. 35)

A intenção, acima de tudo, é formar indivíduos empenhados em seu papel participativo, capazes de usar suas idéias, sua vontade e sua voz na busca de um espaço maior nas decisões do coletivo. A luta é pela plena e absoluta construção de cidadãos.

O ser humano age e interage. Ninguém adquire um imóvel para mera contemplação, nem compra um automóvel para enfeitar sua garagem, muito menos uma indústria para fechar as portas. A interação humana sempre causará uma

alteração ambiental. O bom-senso está na delimitação da conduta, chegando à velha regra de que minha liberdade acaba quando se inicia a do próximo.

Quando anteriormente falou-se de aumento de custos, não era só referindo a valores financeiros, mas principalmente a futuro da humanidade, ao menos do modo como a conhecemos hoje.

“Os custos sociais decorrentes dessas práticas, que reduzem oportunidades de desenvolvimento e ampliam os problemas sanitários do nosso país, são em verdade, um subsídio embutidos nos custos gerados pela poluição, que está sendo pago pela sociedade aos poluidores” (TORRES 2003, p.68).

Comunidades urbanas e rurais foram vítimas de mudanças no meio ambiente que alteraram suas condições de vida e de trabalho. Mas, em geral, essas mudanças não são identificadas como problemas ambientais. As pessoas muitas vezes não percebem isso está ligado com a degradação ambiental e os efeitos que ela tem sobre suas atividades ou sua saúde.

Portanto como uma junção entre as duas educações só trariam benefícios a todos, a coletividade. O homem do campo depende do meio ambiente, o homem urbano precisa do “rural” para se alimentar e do meio ambiente para ter um bom ar para respirar e boa água para beber.

Por esses motivos é imprescindível que a educação do campo permita também uma discussão aberta sobre os fatores e elementos que compõe a diversidade do campo.

Não seria então, muito mais proveitoso englobar a educação ambiental com a

especificidade da educação do campo? Dando condições para que os povos do campo continuem a nele trabalhar e viver promovendo um “controle ambiental” em suas comunidades, coletivamente, que por consequência atingiria toda a sociedade.

Temos de lembrar que quando falamos em educação falamos de agente de transformação, é através dela que o ser humano pode se reconstruir e reconstruir sua história. A sociedade deve muito de sua estrutura aos diversos ramos da educação aplicados diretamente aonde era necessária, respeitando a especificidade de cada uma. Esse pensamento é reforçado pelas palavras de Barbosa:

“A função transformadora compreende a educação como mediação de um projeto social. Ou seja, ela nem redime nem reproduz a sociedade, mas serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de sociedade, que pode ser conservador ou transformador. Não coloca a educação a serviço da conservação. Pretende demonstrar que é possível compreender a educação dentro da sociedade, com seus determinantes e condicionantes, mas a possibilidade de trabalhar pela sua democratização”.

Nas civilizações primitivas, pastoris ou agrícolas, o homem era um elemento integrado no sistema natureza interferindo neste de forma restrita e harmoniosa. Entretanto, com o aumento da população, o surgimento de formas sociais mais complexas e, sobretudo com o processo de industrialização, as interferências e as perturbações provocadas pelo ser humano nos ecossistemas tornou-se drásticas causando danos preocupantes no conjunto do ambiente global.

Essa idéia moderna, iluminista, de dominação completa e a qualquer preço da "natureza" está, ao nosso ver, estreitamente vinculada à gênese de grandes questões de nossa época, e dentre essas, a degradação

ambiental. Essa degradação não está restrita à degradação ecológica dos territórios físicos/biológicos da vida, mas também, e definitivamente, à degradação do homem nas suas múltiplas dimensões (lúdicas, estéticas, éticas, filosóficas, culturais...) (Barcelos, 1998, p.13).

As evidências estão ao nosso redor, no ar que respiramos, no solo que pisamos na água que bebemos, na perda da biodiversidade, no desmatamento, na deposição inadequada de resíduos sólidos, no desemprego, na crescente violência, etc. As indicações do impacto negativo da ação do homem sobre a natureza estão em todo lugar e servem minimamente para nos advertir que o processo de degradação da natureza não pode mais ser tratado com indiferença pela sociedade, posto que entre tantas outras chagas, implica em degradação da qualidade de vida, fome e pobreza, para grandes populações.

Diante dessa realidade, tornou-se fundamental o papel da educação como um dos principais elementos de formação de uma nova sociedade, sustentável nas suas diferentes dimensões, especialmente nas ambientais. É preciso educar os futuros cidadãos para quevenham a agir de modo consciente e responsável conservando o ambiente saudável no presente e mantendo-o para o futuro.

Entretanto, essa não é uma tarefa simples, e exige mais que transmissão de conhecimentos e informações.

Para promover a preservação do meio ambiente é necessário conhecê-lo em sua totalidade, de modo que ações restritas a partes do problema não são suficientes para solucioná-lo e, muito menos para promover uma real mudança de postura e, por conseguinte, a formação de uma sociedade sustentável.

Repensemos as atitudes em prol de um mundo melhor, pela continuidade

humana.

Para que altos investimentos para levar “o povo” da cidade para estudar o meio ambiente, ao invés de investir na população que no campo vive e conhece o meio ambiente da lida diária, porque não investir em políticas que lhes permitam estudar e aplicar onde vivem os conhecimentos práticos adquiridos ao longo de gerações e gerações somados a novas técnicas e métodos?

CONCLUSÃO

Como foi visto a educação rural tem muito a contribuir com a ambiental e vice-versa. Ambas eram vistas com um olhar desconfiado. A educação do campo se fortaleceu primeiro nos movimentos sociais se fazendo ouvir, se fazendo perceber. Já a educação ambiental se fez notar de uma maneira alarmante e preocupante: com os desastres “naturais”, com as mudanças no clima, no solo.

Os homens sentiram a necessidade de algumas respostas, porém faltava reconhecer que esses desastres não eram tão naturais, eram sim causados por uma falta de comprometimento com a natureza, e o meio.

Na educação rural foi mudada a concepção. Esta nova concepção aliada a profissionais qualificados e comprometidos só trouxe melhoras a educação do campo. De modo geral podemos dizer que a educação rural via e ensinava o todo, sem se preocupar se esse todo era uma realidade distante.

Da mesma maneira que na educação do campo, o que foi transformado não foi o jeito de se ensinar, mas sim algo muito mais complexo, a concepção. Se antes

falar em ecologia era moda, hoje é necessidade, cada vez mais urgente e crescente.

Educação Ambiental é um tema amplamente debatido na atualidade, juntamente com a idéia de “sustentabilidade”. E para a garantia de uma relação sustentável da sociedade com o ambiente, o desenvolvimento de práticas de educação ambiental coloca-se como estratégia para a reversão de processos de degradação, assim como na construção de valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.

Hoje as concepções educacionais vêm se modificando diante das dificuldades e as discussões resultantes têm elevado a educação a um patamar ainda mais elevado. Com a seguinte diferença, cada área está recebendo uma atenção diferenciada, isto ocorreu com a educação do campo e vem ocorrendo com a ambiental.

No início deste trabalho havia feito uma pergunta:

“O que a educação ambiental tem a ver com a do campo?”

Tudo. Apesar de parecerem assuntos distantes e por vezes conflitantes. Como foi dito anteriormente a educação do campo leva em consideração e respeita o tempo do campo, seus povos e o meio, e o que é o meio se não o próprio meio ambiente? Se inconscientemente a concepção da educação ambiental já está inserida na do campo porque não difundí-la e colocá-la em prática?

Muito se fala em especificidade, na necessidade de políticas próprias para a educação do campo, bem esta especificidade diz respeito a respeitar o tempo do campo, ou seja, a época das chuvas, do plantio, da colheita. Trabalhar a realidade vivida pelos povos do campo no seu cotidiano. Isso significa dizer que a

especificidade da educação do campo também tem suas raízes no meio ambiente. É uma linha tão tênue que muitas vezes sequer é percebida, porém está lá. Se a chuva atrasa, ou vem antes do esperado, pode-se estudar as mudanças climáticas.

A construção de um ambiente saudável, que possibilite uma melhor qualidade de vida depende da atitude sustentável de seus ilustres moradores. A Educação Ambiental nos dará uma formação de cidadãos mais sensíveis e atentos aos principais problemas ambientais e o fato de que a “NATUREZA” está presente em todas as instâncias da vida social, na educação formal e informal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Paulo Bessa. **Direito ambiental**. 10. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007

CALDART, Roseli. Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In. KOLING, Edgar J., CERIOLI, Paulo, CALDART, Roseli S. Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília-DF, 2002.

Extraído de <<http://jararaca.ufsm.br/websites/unidadedeapoio/download/Nadiamono.pdf>> Acesso em 15/05/2011.

Extraído de <<http://www.atitudessustentaveis.com.br/>> Acesso em 15/05/2011.

Extraído de <http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/iii_08.html> Acesso em 15/05/2011.

Extraído de <<http://www.red-ler.org/educacaocampo.pdf>> Acesso em 24/05/2011.

Extraído de <www.artigonal.com> Acesso em 22/05/2011.

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/59/108>

LOPES, Ignez Vidigal; BASTOS FILHO, Guilherme Soria; BILLER, Malcolm Bale Dan. **Gestão ambiental no Brasil experiência e sucesso**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

PRADO, Luiz Regis. **Direito penal do ambiente**: meio ambiente, patrimônio cultural, ordenação do território, biossegurança (com análise da lei 11.105/2005). São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

SATO, Michele. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2003